



O consumo de notícias por agricultores de São Domingos¹

Keli CAMILOTI²
Lírian SIFUENTES³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo pesquisar o consumo das notícias através da mídia pelos agricultores que residem na zona rural no município de São Domingos, região oeste de Santa Catarina. Dessa forma, buscamos entender a relação existente entre os agricultores e a mídia, e de que forma as notícias que eles consomem interferem em suas atividades do dia-a-dia. Para isso, neste momento, aplicamos questionários com um grupo de 18 agricultores. Entre os resultados, ressaltamos o destaque dado pelos mesmos aos meios de comunicação em seu cotidiano, admitindo, inclusive, ser a mídia uma aliada para o trabalho agrícola.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo midiático; meio rural; notícias; agricultores; São Domingos-SC

1. Introdução

Nas comunidades rurais, os meios de comunicação são de fundamental importância, uma vez que são uma importante ferramenta de informação. Dessa forma, o jornalismo rural tem se desenvolvido, e a agricultura vêm ganhando grande destaque na mídia nos últimos tempos. E isso se deve a acontecimentos históricos, que demonstram a importância desse setor para o nosso país.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo pesquisar o consumo das notícias através da mídia pelos agricultores que residem na zona rural do município de São Domingos-SC. Para isso, é importante entender a relação entre os agricultores e a mídia, analisar como ela está presente no cotidiano dos agricultores, além de verificar como eles utilizam as mídias em seu dia-a-dia e de que forma as notícias interferem nas suas atividades rotineiras.

O município de São Domingos foi escolhido por ser caracterizado como essencialmente agrícola, contando com propriedades que representam grande parte do movimento econômico local. São Domingos está localizado a cerca de 600 quilômetros

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Acadêmica do 9º semestre do curso de Jornalismo da Unochapecó. Email: keli_camiloti@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Unochapecó. Doutoranda em Comunicação pela PUCRS. Mestre em Comunicação e Jornalista pela UFSM. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br.



da capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis, e é um município de pequeno porte, com pouco mais de nove mil habitantes, sendo que 43,1% da sua população vive na zona rural.

2. Apontamentos metodológicos

A escolha daqueles que responderiam os questionários se deu a partir das comunidades que representam maior desenvolvimento e participação nas atividades do município de São Domingos-SC. São elas: Linha Nova Arvorezinha, Imigra, São Braz e Santo Antônio. O objetivo do questionário foi identificar como os agricultores se mantêm informados através da mídia e de que forma essas informações colaboram em suas atividades rotineiras.

As perguntas foram desenvolvidas de modo a tornar possível compreender como se dá o processo do consumo de notícias pelos agricultores das localidades, bem como eles se apropriam dessas informações em prol de seu trabalho no campo. Desse modo, essa pesquisa se classifica como um estudo de caso, que possibilita entendimento sobre a relação existente entre os agricultores e a mídia.

O estudo de caso comumente é realizado em profundidade e com fins comparativos. Ele “deve servir como um objeto exemplar: através do exemplo deve ser possível captar outros elementos do contexto maior” (SIFUENTES, 2008, p.29). Alguns pesquisadores acreditam que prestar atenção nas “redundâncias” expressadas pelos entrevistados é fundamental para proceder a interpretação e é a partir daí que se pode observar quais são os “temas centrais” (OROZCO apud SIFUENTES, 2008).

Yin (apud DUARTE, 2005, p. 216) define o estudo de caso como uma “inquirição empírica”, responsável por investigar fatos dentro do contexto da vida real, “quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde as múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

Além disso, Sifuentes (2008, p. 29) acredita que algumas das características de um estudo de caso são: “retratar a realidade de forma complexa e profunda, enfatizar a interpretação em contexto e representar os diferentes e por vezes contraditórios pontos de vista em uma situação social”.

O estudo de caso é muito utilizado em pesquisas da área de Ciências Sociais, em disciplinas que envolvem a Antropologia, Ciência Política, Sociologia, Administração Pública e Educação. É uma boa maneira de inserir o pesquisador iniciante nas técnicas



que dizem respeito à pesquisa, já que envolve um grande número de ferramentas que servem para o levantamento e análise das informações (DUARTE, 2005).

Muitos pesquisadores também utilizam o estudo de caso para responder questões jornalísticas: “como” e “por que”, já que são questões explicativas (BRESSAN, 2000). Como complemento, Tull afirma que um estudo de caso é aquele que diz respeito a uma análise intensiva de uma situação particular e que a trata de forma intensa e profunda, com o mesmo objetivo da etnografia, de coletar detalhes reconhecidos apenas com longos períodos de pesquisa (TULL apud BRESSAN, 2000).

O estudo de caso ainda pode ser considerado rico na obtenção de dados e é capaz de compartilhar os conhecimentos do pesquisador através do resultado final da pesquisa. “Visando à descoberta, o pesquisador trabalha com o pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas que está sempre em construção e por isso faz parte de sua função indagar e buscar novas respostas ao longo da investigação” (DUARTE, 2005, p. 233).

Alguns autores recomendam cuidados extras na realização de um estudo de caso, no que se refere ao planejamento e à condução da pesquisa. Yin (apud DUARTE, 2005, p. 215) afirma que esse é um método qualitativo e que apresenta vantagens e desvantagens, que dependem de algumas condições: “a) o tipo de questão da pesquisa; b) o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos; c) o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos”.

A escolha por utilizar o estudo de caso na pesquisa deve ser feita pelo pesquisador, que deve ter seu foco sempre voltado ao objeto da pesquisa. Goode e Hatt acreditam que o estudo de caso é uma forma de voltarmos o olhar para a realidade social e que não existe uma técnica específica para fazê-lo.

Para que um estudo de caso tenha sucesso, Duarte comenta que alguns componentes devem fazer parte do desenvolvimento da estrutura teórica, que ajuda a definir o projeto da pesquisa, bem como a coleta dos dados, e serve ainda como forma de generalização dos resultados. São eles: 1) questões de estudo: são a chave para definir a estratégia da pesquisa, com perguntas do tipo “como” e “por quê”; 2) proposições do estudo: é o que será analisado no estudo e ajuda na definição de onde procurar dados relevantes; 3) unidades de análise: consiste em definir o que é um “caso” e 4) lógica de ligação dos dados: faz parte da análise dos dados.



Creio ainda que o modo de desenvolvimento do estudo de caso desta pesquisa condiz com o proposto por Wimmer e Dominick (apud DUARTE, 2005, p. 225), os quais citam cinco etapas principais para a sua realização:

(1) planejamento; (2) estudo-piloto – aplicação prévia da pesquisa em campo, um ensaio prévio por meio do qual se poderá corrigir o planejamento da investigação, a organização prática do trabalho de campo, revisar o protocolo de investigação; (3) coleta de dados – há quatro modos principais para a obtenção da informação: a documentação, as entrevistas, a observação/participação e os objetos físicos; (4) análise da informação; (5) redação do relatório.

3. Estudos culturais e recepção: pesquisando a audiência

As primeiras manifestações do que se pode chamar de estudos culturais surgiu na Inglaterra, no final dos anos 1950, ao redor de trabalhos de Richard Ruggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson (ESCOSTEGUY, 2001).

Os estudos culturais possuem uma importância enorme quando se fala no debate sobre recepção midiática, tendo como uma das principais referências na área na América Latina Jesús Martín-Barbero, que

pretende recuperar o popular no debate comunicacional, ressaltando a importância do folhetim e do melodrama na construção das identidades na América Latina, a partir de uma perspectiva crítica, e utilizando o conceito gramsciano de hegemonia, Martín-Barbero quer trabalhar a comunicação a partir da cultura e lança mão de um conceito fundamental para os estudos de recepção: o conceito de mediação. (GROHMANN, 2009, p. 05)

Os estudos culturais tracejam a forma de como as produções culturais articulam ideologias, valores, classes, na sociedade, e o modo como eles se inter-relacionam (KELLNER apud GROHMANN, 2009). Tudo isso ainda está voltado à construção de identidades e questões de classe e ideologia, ligadas ao enfoque de seus fundadores.

Grohmann (2009) comenta que os estudos culturais nos oferecem um espaço para explorar e refletir sobre as questões que estão presentes em nosso cotidiano, seja pelo viés político, econômico, emocional e nos ajudam a entender e defini-los de acordo com nossa cultura.

Os estudos de recepção são de certa forma ainda recentes em alguns países, inclusive no Brasil. Jacks e Menezes (2006) afirmam que, em alguns países, eles surgiram no início ou no fim da década de 1980, dependendo das condições políticas e institucionais de cada lugar, sendo que no Brasil e no Chile eles ganharam força logo



após o fim da ditadura. Em países como Argentina, Uruguai, Brasil, Colômbia, Peru, México e Chile, as primeiras temáticas que foram trabalhadas foram os estudos de recepção de telenovela. Brasil e México são os dois países com maior desenvolvimento de pesquisa empírica na área. Em muitos países há um desinteresse pela pesquisa acadêmica em si, portanto, não há investimentos para a formação de pesquisadores e nem suporte nas produções científicas (JACKS; MENEZES, 2006).

James Curran (apud BOAVENTURA, 2009, p. 12) afirma que a recepção já era objeto de estudo de pesquisadores norte-americanos desde a década de 1940, e que depois as discussões apenas foram retomadas. Porém, o enfoque dos estudos que tratavam de recepção nessa época está voltado para os efeitos e impactos que a mídia tinha sobre os receptores. Contudo, atualmente, os estudos de recepção têm outro viés, já que busca entender o papel da mídia na vida dos consumidores, com uma abordagem mais sociocultural do que comportamental, como havia até então.

Para Boaventura (2009), recepção é um termo que está longe de ter apenas um significado e tem sido um desafio para vários profissionais de várias áreas encontrar algo que possa definir exatamente o que é a recepção. Essa corrente de estudos ainda pode ser considerada como uma das formas mais recentes de pesquisa sobre audiência, já que eles podem criticar a pertinência das análises de conteúdo feitas pela corrente literária e questionar os métodos de pesquisa empírica das ciências sociais.

Diversos pesquisadores, como Brittos (apud GROHMANN, 2009), acreditam que o melhor lugar para analisar o processo de recepção é o cotidiano, pois é nele que o indivíduo demonstra seu verdadeiro “eu”. Além disso, eles creem que a recepção é um fenômeno coletivo, que também pode captar conflitos, diferenças e semelhanças entre o moderno e o tradicional, bem como descobrir o que as pessoas fazem com as mensagens que recebem através da mídia. Para isso, Grohmann ainda afirma, que o estudo de recepção se envolve no cotidiano das pessoas, levando em consideração algo que começa bem antes do receber uma mensagem e termina bem depois dessa recepção.

Uma das premissas dos estudos de recepção é que as mensagens são recebidas por pessoas que vivem em contextos e realidades diferentes, seja no aspecto social ou econômico, e isso deve ser levado em conta na pesquisa de recepção. Para um estudo de recepção, ainda se deve levar em consideração os diversos espaços sociais aos quais um indivíduo está exposto. Thompson (apud GROHMANN, 2009, p. 4) acredita que as maneiras com que recebemos mensagens comunicativas são maneiras de agir, baseadas



nas formas com que cada indivíduo vive e que condiz sua realidade, tendo assim, o mesmo fato, diferentes significados.

4. O desenvolvimento do “rural”

É difícil encontrar uma definição exata para a palavra rural, que vai ganhando novos significados na medida em que aumentam o número de pesquisas na área. Para Aldo Solari (apud SIQUEIRA; OSÓRIO, 2001, p. 73) “(...) o rural se caracteriza por um determinado tipo de atividade: a produção de alimentos através da criação de plantas e animais”. Junto a isso está o fato de que o morador da zona rural está em constante contato com a natureza e muitas vezes também não dispõe de todas as facilidades encontradas nos centros urbanos.

Pérez (2001) ainda concorda que o meio rural pode ser definido como um conjunto de regiões em que a população desenvolve várias atividades em diversos setores, como agricultura, artesanato, implementação de pequenas e médias indústrias rurais, extração de recursos minerais, naturais e turismo, entre outros. Através disso, o campo mantém contato com os centros urbanos e vai modificando mais uma vez suas características.

Wanderley ainda acredita que o rural deva ser definido como

um lugar específico de vida e de trabalho, historicamente pouco conhecido e reconhecido pela sociedade brasileira, porém carregado, em sua diversidade, de um grande potencial econômico, social, cultural e patrimonial, que deve ser transformado em forças sociais para o desenvolvimento. (WANDERLEY, 1997, p. 40)

Alguns autores, porém, não trabalham com a ideia de diferenciação entre os termos rural e urbano. Esse é o caso da própria Maria Nazareth Wanderley (1997, p. 32), que considera o rural apenas como um mundo que “mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba”.

Graziano da Silva (apud SIQUEIRA; OSÓRIO, 2001) comenta que a distinção entre rural e urbano, com o passar do tempo, ficou bastante difícil de ser compreendida ou estudada de forma tradicional. Desse modo, eles devem ser caracterizados como um contínuo, já que o rural está urbanizado (com a chegada de novas técnicas e tecnologias utilizadas na agricultura), mesmo que essa não seja uma característica presente em todos os países ou em todas as regiões.



Pérez (2001) também concorda que os conceitos de rural foram modificados na medida em que estudos revelaram com mais clareza e complexidade as realidades que envolvem o meio rural, bem como suas limitações e possibilidades de expansão. Enquanto isso, os conceitos foram se aperfeiçoando e tomando novas dimensões, tudo a partir de um modelo de desenvolvimento global que surgia.

Historicamente, contudo, a diferenciação entre o rural e o urbano começa ainda nos tempos medievais, quando muitas pessoas dependiam da terra para tirar seu sustento. Para Siqueira e Osório (2001), nessa época já existiam as cidades, porém, poucas pessoas residiam nelas. Além disso, as pessoas não se importavam muito com as denominações diferenciadas que temos hoje sobre rural e urbano. As cidades começaram a ganhar destaque quando a sociedade estava em transição para o capitalismo.

Isso ainda acontece nos dias atuais. E, para driblar esse fato, os agricultores começam a investir no que se pode chamar de pluriatividade, que “expressa uma estratégia familiar adotada, quando as condições o permitem, para garantir a permanência no meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio rural” (WANDERLEY, 1997, p. 37). Nisso pode-se incluir o fato de muitas famílias moradoras do meio rural aderirem ao empreendedorismo, utilizando o turismo como fonte de renda. É o caso dos hotéis-fazenda, spas, trilhas, entre outras atividades que utilizam a tranquilidade do campo para atrair pessoas dos centros urbanos, que estão dispostas a abandonar, mesmo que momentaneamente, sua rotina tumultuada da cidade.

O desenvolvimento e a chegada de novas tecnologias ao meio rural, todavia, foram modificando o perfil das famílias agricultoras. Um exemplo disso foi que através do maior acesso à educação, ou seja, com os filhos dos agricultores estudando, eles começaram a pensar mais sobre a sua permanência no campo. Isso acontece principalmente com as mulheres, que cada vez mais abrem mão do dia a dia no meio rural em busca de melhores condições nos centros urbanos.

Isso é demonstrado na pesquisa realizada por Pozenato e Giron (2007), as quais verificaram alterações socioeconômicas em pequenas propriedades da região Nordeste do Rio Grande do Sul. Elas descobriram que as mulheres que vivem no campo se cansaram do trabalho constante. Uma consequência disso é que está cada vez mais difícil para os homens que querem continuar no meio rural encontrarem uma esposa, já que as que moram no campo querem ir para a cidade, e as que moram na cidade não querem morar no campo. E essa é apenas uma das consequências do êxodo rural.



Teubal (2001) acredita que muitos fenômenos que se manifestam atualmente, tanto no meio rural quanto urbano, podem ser relacionados como resultado do processo de globalização, que está presente com total frequência na vida de toda população. Entre esses fenômenos destaca-se a maior quantidade de terras, a mecanização da agricultura e também as novas possibilidades que surgiram através das exportações dos produtos produzidos pelos agricultores. Através disso começaram a ser definidos diferentes significados para os termos “rural” e “urbano”.

Outro fator que dificulta a permanência dos jovens no campo é o trabalho constante. Dados da pesquisa de Pozenato e Giron (2007) mostram que, mesmo com a chegada de uma agricultura mecanizada, o trabalho não pára. O que acontece é a variação do trabalho, um pouco menos cansativo quem sabe, mas continua nos 365 dias do ano, faça chuva ou faça sol, independente de estação.

Esse é um dos fatores que faz com que os jovens que vivem no meio rural tenham uma vida social pouco ativa e se sintam excluídos ou diferentes dos que vivem no meio urbano. “Via de regra, o lazer e a diversão reduzem-se a encontros com amigos e familiares próximos, a jogos de futebol nos finais de semana ou a alguns bailes na comunidade, onde costumam ir acompanhados de toda a família” (CARNEIRO apud SIFUENTES, 2008, p. 39).

De qualquer modo, a agricultura continua sendo a atividade principal de ocupação e renda de boa parte da população brasileira, que busca através dela sua sobrevivência. Esse é um dos motivos que torna indispensável que se desenvolvam pesquisas sobre os moradores do campo em nosso país, valorizando sua cultura e compreendendo sua realidade.

5. O município de São Domingos e as peculiaridades da região oeste catarinense

A região oeste do estado de Santa Catarina é considerada o “celeiro” do estado, já que é responsável pela produção de grãos, aves e suínos, tendo, portanto, um papel importante no desenvolvimento econômico do estado. Além disso, é composta por frigoríficos de grande e médio porte, que estão ligados a produtores rurais em forma de integração. As empresas catarinenses ainda produzem os insumos e tecnologias fornecidas aos agricultores.

Os municípios mais representativos dessa região são Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste. Nessa região, o turismo também começa a ser



explorado, já que possui grandes fontes de água hidrotermais. Além disso, a riqueza étnica também é fortemente presente na região. Os italianos são a maioria, seguido dos alemães. Existem festas típicas e turismo voltado para mostrar a cultura da região para os visitantes.

Entre as cidades que compõem a região oeste de Santa Catarina, está o município de São Domingos, colonizado, primeiramente, por imigrantes alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul no século XX. A data de sua criação é 7 de abril de 1963, quando foi emancipado de Xaxim. Localizado a cerca de 600 quilômetros da capital do estado, Florianópolis, conta com uma área territorial de mais de 383 mil quilômetros quadrados, com pouco mais de nove mil habitantes, conforme registros do último censo, realizado em 2010.

São Domingos é uma cidade essencialmente agrícola, que se destaca pelo cultivo de milho e soja em grande escala, sendo que 43,1% da sua população vive na zona rural. Além disso, a produtividade de milho e soja colhidas por alqueire no município é uma das maiores do estado de Santa Catarina.

6. Agricultores e sua relação com os meios de comunicação

Os dados obtidos através do questionário serviram para ampliar a visão que temos sobre os meios de comunicação, bem como das notícias, as quais os moradores do meio rural têm acesso. Esses dados foram obtidos em comunidades rurais – Nova Arvorezinha, Imigra, São Braz e Santo Antônio – do município de São Domingos. O tamanho de terras, assim como a delimitação de pequeno, médio ou grande agricultor não foi relevante nessa etapa da pesquisa.

Foram aplicados 18 questionários, sendo três entrevistadas do sexo feminino e 15, do sexo masculino. Além disso, 14 são casados, dois solteiros e dois separados. Quatorze têm filhos e quatro, não.

Entre os agricultores que responderam o questionário, todos afirmaram que possuem acesso em casa à televisão e rádio, sendo que 11 têm acesso à internet, seis a jornal e quatro a revistas. Quando se pergunta por quais meios de comunicação os agricultores se mantêm informados, todos respondem televisão e rádio em primeiro lugar, sendo que 11 utilizam a internet, quatro os jornais e três as revistas.

Quando se fala em meio de comunicação que mais gosta e confia, interessante destacar que ninguém cita jornal ou revista nessa lista. As preferências são pela televisão, que foi resposta de 12 agricultores, quatro destacam o rádio e três, a internet.



Os meios de comunicação que mais fornecem notícias sobre a agricultura, de acordo com os questionados, são a televisão, que foi resposta de oito pessoas, seguido do rádio e da internet, com quatro pessoas cada e, por último, o jornal, que foi a resposta de duas pessoas.

Podemos entender que a qualidade das notícias veiculadas sobre a agricultura agrada aos agricultores, já que nove as classificaram como boas, sete como regulares e dois como excelentes. As opções de péssimo e ruim não foram escolhidas por nenhum deles.

Os meios de comunicação local⁴ estão presentes no cotidiano dos agricultores, seja através do rádio, escolhido por todos os agricultores, do jornal, resposta de cinco, ou da internet, através do site do município, que foi resposta de um dos questionados. A qualidade dos meios de comunicação local também parece satisfazer os agricultores, visto que uma pessoa classificou como excelente, nove como bom e oito como regular. Nenhum a considerou ruim ou péssima. Além disso, pode-se considerar que as notícias veiculadas por esses meios de comunicação tratam do assunto agricultura, já que cinco responderam que trata “muito” do assunto, dez, “mais ou menos”, e apenas três responderam “um pouco”. “Nunca” não foi a opção de nenhum dos agricultores.

A maior parte dos agricultores (dez) responderam que dedicam entre uma e duas horas de seu tempo para o consumo dos meios de comunicação, enquanto quatro responderam que dedicam menos de uma hora. Entre duas e três horas de consumo diário foi a opção escolhida por três, e um agricultor afirmou que dedica mais de quatro horas ao consumo da mídia. Da mesma forma, 13 agricultores consomem notícias diariamente, quatro quase que diariamente e um raramente.

Entre as notícias que mais interessam aos questionados, a agricultura está em primeiro lugar, resposta de 17 pessoas, sendo que um dos entrevistados prefere notícias sobre política e economia. Oito delas acrescentam o esporte como uma de suas preferências, seguido de cinco que destacam a temática geral, duas que se interessam por economia, uma por educação, uma pelo tema mundo e uma por notícias sobre política.

O levantamento de dados ainda aponta que 11 agricultores costumam acompanhar muito notícias que envolvem o tema agricultura. Seis responderam que

⁴ A cidade de São Domingos possui dois meios de comunicação local: a Rádio Clube, AM 1190, e o Jornal do Povo, veiculado semanalmente. O município não possui emissoras de TV, sendo que a mais próxima está localizada na cidade de Xanxerê, que fica a cerca de 45 quilômetros de distância.

acompanham mais ou menos essas notícias e uma pessoa respondeu que acompanha um pouco.

Duas questões respondidas pelos agricultores demonstraram a importância da mídia na realização de suas tarefas rotineiras. Oito questionados responderam que os meios de comunicação aos quais têm acesso interferem em seu cotidiano, e seis responderam que um pouco. Quatro consideram que não interferem em nada em suas rotinas. Da mesma forma, oito agricultores responderam que as notícias ajudam nas atividades agrícolas e oito “mais ou menos”, enquanto dois responderam que um pouco.

7. Considerações finais

No campo, até algum tempo atrás, o acesso às notícias se dava por meio de emissoras de rádio local, muitas vezes partidárias e com conteúdo jornalístico pouco desenvolvido. As notícias recebidas pela televisão ocorriam por meio da parabólica, que não transmite informações sobre a realidade local.

Contudo, atualmente essa realidade mudou, através das facilidades tecnológicas que estão ao alcance de boa parte da população, inclusive as que vivem no meio rural. Entre elas pode-se destacar a chegada do celular, de emissoras de TV local, canais por assinatura (que diversificam a forma com que as notícias são transmitidas), bem como o computador e a internet, que também já estão presentes em algumas propriedades rurais.

Dessa forma, aos poucos os agricultores estão se adaptando e descobrindo que os novos meios de comunicação podem interferir de forma positiva em suas atividades rotineiras, assim como aumentar a rentabilidade em suas propriedades e a descoberta de novos meios de obter lucros.

Através dos questionários aplicados pudemos perceber que os agricultores têm acesso aos meios de comunicação como televisão, rádio, internet, jornal e revista e consomem as notícias neles produzidos, principalmente as que envolvem o tema agricultura. Além disso, eles comentam que as notícias que falam sobre o meio rural são utilizadas em suas atividades rotineiras e que o meio que mais fornece notícias sobre o tema é a televisão e internet. É a partir daí que eles se mantêm informados sobre novas tecnologias, produtos, previsão do tempo e outras informações voltadas a área.

Para entender melhor de que forma se dá o consumo da mídia pelos agricultores é preciso conhecer de forma mais aprofundada como é a realidade da zona rural, bem como dificuldades enfrentadas por eles e os benefícios de viver no campo. Embora já se tenha essa convivência e conhecimento, faz-se necessário aprofundar essa observação



objetivando a pesquisa em questão, para ser possível reconhecer mais fatores da relação entre agricultores e mídia. Ademais, na fase seguinte do projeto, realizaremos entrevistas em profundidade e observação participante, proporcionando a descoberta de novos fatos que estão por trás da vida de quem mora em propriedades rurais.

Referências Bibliográficas

BRESSAN, Flávio. O método do estudo de caso. **Administração online**, v. 1, n 1, 2000. Disponível em http://www2.uel.br/pessoal/amanthea/ctu/arquivos/monografias/estudo_de_caso.htm Acesso em: 31 mar. 2012.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **Recepção e estudos culturais**: uma relação pouco discutida. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi, Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. Os estudos de recepção nos últimos 30 anos: revisão e perspectivas. In: **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Rio de Janeiro, 2009.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane B. Estudos de recepção na América Latina: contribuição para atualizar o panorama. **E-Compós** (Brasília), v. 1, p. 1-12, 2007.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MARQUES, Luiz Henrique. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso**. Bauru - SP: Editora Edusc, 2003.

PÉREZ, Edelmira. Hacia una nueva visión de lo rural. In.: GIARRACCA, Norma (Org.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001,

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo Diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Editora Publifolha, 2009.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. Colônia e Comunicação: A influência dos meios de comunicação na zona rural. In: **IX Seminário Internacional da Comunicação**. Porto Aelgre: Edipucrs, 2007.

RIOS, Alícia. Los estudios culturales y el estudio de la cultura em América Latina. In: MATO, Daniel (Org.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: CLACSO, 2002.

ROSSATO, Alexania. **A recepção de rádio e televisão por jovens do movimento dos atingidos por barragens**: as representações da classe popular. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.



SIFUENTES, Lírian. **Juventude camponesa e televisão**: um estudo sobre as representações do campo e da cidade. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2008.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. O conceito de rural. In.: GIARRACCA, Norma (Org.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001,

TEUBAL, Miguel. Globalización y nueva ruralidad en America Latina. In: GIARRACA, Norma (Org.) **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001. I

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma (Org.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001.

SÃO DOMINGOS (SC). Prefeitura. Disponível em <www.saodomingos.sc.gov.br>. Acesso em: 20 de abr. 2012.

SANTA CATARINA. Disponível em <www.sc.gov.br>. Acesso em 20 de abr. 2012.